

VILÉM FLUSSER

Decadência e progresso. Quem é o juiz, e em que trono suspenso no além da história está ele sentado, para poder distinguir entre ambos? Fomos expulsos do desconhecido e atirados rumo ao desconhecido, e os trajetos das nossas existências cruzam, qual meteoros, o espaço gélido do mundo das coisas. De raro em raro duas existências se encontram e se reconhecem. Estendem as mãos num gesto que é esboço de benção e de procura de amparo. Buscam o calor do contato. Mas, na maioria dos casos, o encontro se transforma em choque. É que foram atiradas as duas existências em direções opostas. O progresso de uma é a decadência da outra. E continuam sós, mas feridas pelo choque, a projetar-se mundo a dentro. Há, no entanto, encontros indizivelmente preciosos, que resultam em abraço. Solidão precariamente vencida. O gesto se amplia. Procura abraçar milhões, na palavra digna e bela de Schiller. Este é, a meu ver, o fundamento existencial da sociedade humana. Ela é um convite à aliança dos condenados à solidão contra o frio do mundo. No seio materno e morno da sociedade estaremos abrigados. Mas é um abrigo traiçoeiro. Seremos expulsos na hora da morte. Morreremos sós e cada um por si mesmo. A solidão envolve a sociedade na forma da morte. Infiltra-se no tecido mais íntimo da sua estrutura, e problematiza tudo. Problematiza até essa aliança íntima e fundamental entre as duas existências que se reconheceram. Ou será mais que cravão poético a frase antiga: "o amor vence a morte"? Pergunta sem resposta.

"O fundamento do nosso ser não nos tem amor, ele nos arrisca" diz Rilke. É um dos juízos mais terríveis dos quais tenho conhecimento. É a expressão máxima do maniqueísmo moderno. Somos obra do diabo, somos filhos das trevas. E Rilke continua: "Mas nós, mais ousados que planta ou animal, progredimos com esse risco, o queremos". Querer o diabo, aceitar o absurdo da solidão, seria progresso. É contra este maniqueísmo, que pervade com seu perfume doce e decadente toda a atmosfera da atualidade, somos chamados a projetar-nos. É contra ele que o presente artigo procura sacar suas armas modestas.

A sociedade como aliança de condenados à morte. A sociedade como conspiração portanto. Não se concebe essa conspiração, sem que se tenha vivenciado primeiro a solidão, essa situação extrema da sociedade. É na solidão que a sociedade como conspiração contra a morte se desvendá. Todos os mitos da humanidade o confirmam. É o sábio platônico que abandona a caverna da sociedade. É Moisés que sobe o monte Sinai para afastar-se do povo. É Jesús no deserto. É o Zarathustra de Nietzsche. E nós, seres pequenos e humildes, fomos chamados a repetir, todos nós, o movimento pré-figurado no mito. Todos nós devemos abandonar a caverna e penetrar no deserto. Mas quanto mais complexa se torna a nossa sociedade, tanto mais difícil se torna este movimento que nos é imposto. No formigueiro das cidades, nos canyons dos edifícios e no jangal dos anúncios luminosos perdeu-se a visão do deserto. Uma solidão diferente reina no formigueiro. É a solidão da multidão que se agita, surda e cega. A solidão da gente. O pseudo-contato cinzento da conversa fiada. Co

VILÉM FLUSSER

mo romper as grades dessa solidão surda e cega? Pelo mergulho para dentro de si mesmo. Na sociedade atual é o movimento da saída um fechar-se contra a sociedade, e uma descida para o abismo do próprio eu. Goethe chamaria essa descida de "volta para junto das Mães", para as fontes eternas da nossa vida. Por certo, é uma alienação esse abandono da sociedade. Mas esse termo "alienação" é ambivalente. É preciso perguntar, para dar significado ao termo: de que está se alienando o alienado? De uma multidão que persegue, em correria desenfreada, sombras na parede da caverna. Não está alienada esta sociedade, em sua queda geométricamente acelerada que chama "progresso"? Não está ela alienada da realidade? Não se parece, mais e mais, esta sociedade com uma casa de loucos? É a existência que se fecha contra ela, não está ela procurando retomar contato com a realidade? Para desalienar-se mergulha ela na solidão de si mesma.

Do ponto de vista do "progresso" é decadente a existência ensimesmada. A sua descida é uma queda. É a própria existência experimenta vivencialmente a sensação da queda. Ao abandonar a sociedade perdeu o chão que a sustentava. Na solidão negra que em redor dela se fecha treme com dúvida de si mesma. Neste Suplemento foi publicado recentemente um poema de Unamuno, que transponho para o português como segue:

Solidão de solidões, ó
solidão.
Tem perdido minha vida
a razão.

É a sensação terrível do abandono. Mas na noite escura da solidão sopra um hálito desértico quente. Os hebreus o chamavam de "ruach", os gregos de "pneuma", os hindús o chamam de "atman". A conversa fiada da sociedade tem abafado esse hálito com a areia seca dos seus conceitos fáceis e gastos. Na solidão ele ressurge. Forte e impiedoso sopra o vento do espírito, e arranca todas as máscaras da pose e da insinceridade. "Porque Ele é como do refinador o fogo". Trémula e nua está exposta a existência solitária ao vendaval do espírito que a sacode. Mas é a própria voz da existência esse vento. Unamuno continua:

Minha voz me vem de fóra,
quem a dá?

Diante dessa voz a existência desabrocha. Abre as suas pétalas como lótus, começa a projetar-se. Encontra, nessa voz, a sua "verdade", a sua razão de vida. Sente-se chamada, e essa chamada é sua vocação, seu projeto de vida. Na solidão a existência encontra a sua autenticidade.

É óbvio que o que acabo de descrever numa linguagem um tanto arrebatada pode e deve ser racionalizado. Mas este próprio esforço de racionalizar o espanto da solidão já faz parte do movimento contrário, da volta do deserto. É, no fundo, a tentativa de articular o espanto. É a tentativa da existência de projetar-se

VILÉM FLUSSER

sobre a sociedade, de realizar o seu projeto na sociedade. A existência procura emergir da solidão e participar da conversação com a "espécie de recado" (Guimarães Rosa) que vem trazendo. Racionalizar o espanto da solidão é procurar voltar para o seio da sociedade. A existência volta da solidão sedenta de realização, sedenta de empenho. Porque a realização na sociedade, o empenho na sociedade, é a superação da morte. Este é o recado que a existência traz da solidão do deserto: a sociedade como campo de realizações é o campo da imortalidade. É neste sentido que a sociedade é uma conspiração contra a morte. E a imortalidade deve ser alcançada a qualquer preço: "con razón, sin razón o contra ella" (Unamuno).

Assim se projeta a existência sobre a sociedade em busca da imortalidade. Não apenas da sua. Ela procura imortalizar-se nos outros. É preciso portanto que os outros sejam tão imortais quanto ela. É preciso que os outros entrem em conversação autêntica com ela. A conversação autêntica é a própria imortalidade. É na conversação com os outros que o projeto existencial se realiza, e é nela, portanto, que todos os participantes da conversação se imortalizam. A existência volta do deserto da solidão sedenta da conversação autêntica que sabe ser a imortalidade. Procura, ardentemente, um "engagement" de acordo com a sua própria verdade. Projeta-se portanto sobre a sociedade com palmas abejtas, pronta de dar e de receber, de abençoar e de ser abrigada. Ainda vibra te com o choque da solidão choca-se ela agora contra a sociedade.

Os grandes mitos da humanidade descrevem este segundo choque. É Moisés que quebra as táboas da Lei, é Jesus crucificado. Esses mitos pré-figuram, em proporções gigantescas, o projeto pequeno e humilde daqueles que procuram empenhar-se autenticamente. São repelidos. Não há lugar para eles no tecido rijo da sociedade. Os fios desse tecido são "engagements" petrificados que repelem a existência autêntica pelo rigor dos seus chavões e pela dureza das suas linhas. A existência que se abre para a sociedade é repelida pela sociedade fechada. O seu gesto é recusado. A sociedade pede conformidade. A existência que sofreu o choque da solidão não pode conformar-se. Não pode representar um dos papéis distribuídos pela sociedade. Cambaleia portanto por entre os fios da sociedade na tentativa desesperada de agarrar-se. É decadente do ponto de vista da sociedade.

É esta a situação que grande parte da literatura e da filosofia da atualidade descreve. A impossibilidade de comunicar-se. Somos ilhas. Os outros são o inferno. É este é o clima do maniqueísmo no qual Rilke formulou o seu ju-

para descrever a sociedade ao meio da qual o fundamento do nosso ser *was laugon, diz ele*: "Os reis do mundo estão velhos e não terão herdeiros. O *filhos usam maninhos*, e as suas filhas pálidas entregaram as corôas doentes à virlei." São visões da sociedade por aqueles que voltaram da solidão e foram repelidos. São visões diabólicas da sociedade. No entanto, não estão, felizmente, a situação em sua totalidade.

VILÉM FLUSSER

Um exemplo de uma existência que se projetou sobre a sociedade e superou a morte é o próprio Unamuno. Tornou-se imortal, porque entrou em conversação conosco. Conseguiu quebrar a nossa rigidez e infiltrou-se no íntimo do nosso ser para modifica-lo. É imortal em nós e nós somos imortais com ele. O trajeto da nossa existência modificou-se depois do nosso choque com ele. A sua palavra, essa sua articulação do espanto da sua solidão, ligou-nos a ele em conspiração contra a morte. Estamos em sociedade com ele graças à sua palavra. Unamuno formula magistralmente a função imortalizadora da palavra:

O pão que baixa do céu
 o pão vivo é a palavra;....
 e o pão que vivifica
 a alma que dela vive,
 é ela que nos dá direito
 à divina ventura.

Será amor aquilo que nos une pela palavra a Unamuno? Ortega tem uma análise penetrante do amor, e mostra que amor é o abandono de si mesmo. Unamuno entregou-se a nós ao dirigir-nos a palavra. Somos nós de cravante Unamuno. E nós nos entregamos a ele, ao recebermos a sua palavra. Doravante somos, em parte, Unamuno. Esta é, a meu ver, a imortalidade. O amor intelectual, como diria Espinoza. É por esse amor que rompemos a solidão e ultrapassamos a morte. A essa ruptura da solidão precisamos dedicar a nossa vida.

Em dois movimentos distintos experimentamos portanto a imortalidade. Quando recebemos a palavra vivificadora, e quando a articulamos. É o movimento feminino e o movimento masculino. No primeiro somos frutificados, no segundo frutificamos. Não temos, por certo, a estatura de Unamuno. O âmbito da nossa imortalidade é mais limitado. Mas somos virtualmente tão imortais quanto ele. Somos imortais porque recebemos a palavra vivificadora da nossa grande tradição, e somos imortais porque os nossos próximos recebem a nossa palavra. O projeto da nossa existência é a tentativa de ampliar o círculo dos nossos próximos para abraça-los no gesto articulador e uní-los a nós mesmos contra a morte. Esta tentativa me parece ser o critério do "progresso". Esta me parece ser a base da sociedade. O resto é conversa fiada, portanto é decadente.

O meu argumento arrastou-me, contra a minha vontade, para uma distinção entre decadência e progresso. É o fogo do argumento, e não a razão fria, que formulou o juízo. Mas a dúvida persiste. Porque a morte física persiste. Os pensamentos são imortalizados pela sociedade, mas o corpo será impietosamente eliminado. Unamuno, ao emergir da solidão, articula essa dúvida e a esperança de vencê-la:

Um anjo, mensageiro da vida,
 escoltou minha carreira torturada,
 e desde o seio mesmo de meu nada
 me ficou um fiozinho de uma fé escondida. ...
 e, anjo de luz de amor em meu caminho,
 de minha dúvida natal leva o aforo.